

DISCURSO DE POSSE(*)

Marly Vasconceleos

O brilho de júbilo põe filigramas em minha alma que se dobra e se reparte em retalhos de emoção. Poder-se-ia dizer que empalideço, renasço, esvaneço sob o impacto do título honroso que depositaste nos meus ombros. Todavia, a fragilidade que me visita é momentânea e, repleta de serenidade, alegro-me com o privilégio de ser admitida neste sodalício.

Mantenho a tradição, a Academia Cearense de Letras, casa de consagradas figuras intelectuais, resguarda o idioma das agressões que o desfiguram, preserva o patrimônio artístico, cultua os valores eternos. Incessante é o trabalho de seus pares, que lutam pelo desenvolvimento e grandeza da nossa cultura, oferecendo ao povo cearense benefícios incontáveis.

A responsabilidade me acena, Senhores Acadêmicos, mas a serenidade e a energia ajudar-me-ão a honrar o compromisso que hoje assumo. O fazer literário, ofício de minha escolha, há muito significa mais que aceitação do destino. Implica em questionamento contínuo sobre a validade da criação. Sei que a palavra pode ser insuficiente, parca, e ao penetrar no cerne do invisível, tento trazer à tona as potências expressivas da língua. Na travessia da descoberta experimento nuances novas, desvio-me de cascalhos escorregadios, desejando contar e cantar o que pressinto em sumidouros, superfícies. Mas a palavra — gesto que exprime minhas emoções — desobedece ao senso de medida que estabeleço, diz alguém ou além do que quero, corrompe a epiderme cristalina das águas, desafina a sinfonia que componho e, diante da impossibilidade de ultrapassar a frieza do cotidiano com o universo que concebo, caio no abismo das tensões, debato-me em labirintos úmidos, agonizo dilacerada.

Como revelar a condição do homem contemporâneo, seu conflito entre o mundo e a consciência, se a palavra muitas vezes é o minério bruto que obscurece a inventiva? Consciente da minha responsabilidade ética e histórica, meu compromisso ideológico e utópico, mergulho no desespero existencial, mãos e pés atados, cicatrizes abertas. Esta é a minha eterna peleja. Crédito suficiente para participar de vossa fraterna companhia? Invade-me a dúvida. Pouco, muito pouco vos apresento: o opaco e a debilidade do que produzo, a

aboios, rangidos de rede, encaveirado ou farto, inexplicavelmente desigual, adivinda o movimento de répteis e lagartos, veste-se com plantações de mandioca, milho, enfeita-se com canaviais, mandacarus e, bebendo o caldo das frutas roliças e perfumadas, segue as oscilações das lamparinas que ameaçam morrer, porém não se apagam.

A poesia de Nertan Macêdo busca apoio na musicalidade da língua. Impregnado de metáforas, sons, imagens que semeiam timbres suaves, **Caderno de Poesia** revela na construção dos versos que a atmosfera lírica é o alicerce, espaço que equilibra ânsias, desencantos, magias.

*“Havia outrora um menino
Numa cidade pequena.”*

As vivências provincianas que afloram em “Pequena Canção Biográfica” retornam incessantes e fiel às suas origens, ele toma nas mãos o legado das lendas e fatos que recebeu da Literatura Oral, desdobrando em tons, matizes, a epopéia de Lampião. Refunde, renova, amplia os recursos líricos da poesia heróica do povo e acordes transformam a gesta nordestina em poesia erudita. Todavia não desfigura os aspectos formais do cancionero popular. Seqüência por seqüência, estende como um tecido a narrativa. Ser múltiplo, mito e verdade, o romanesco herói de sua épica lava o rosto com a ventania, acompanha a rima insistente dos próprios passos, transfigura-se em melodia. Melodia que explode em amor. O amor veemente e sem reservas da moçadonzela. Vulcânico, resplandecente, corrosivo.

*“Luas de mortas luas
e luas de solidão,
na pisada da caatinga,
no compasso do pilão,
minha mãe me dá uma lua,
vou atrás de Lampião,
o chapéu de Virgulino
e uma lua no chão,
quero ser lua marido
nos braços de Capitão,
esquentar a sua rede
nos invernos do sertão.”*

*Meu pai fique aluada
com a lua do sertão,
vinha eu pela estrada,
espiei, vi Lampião,
cornimboque prateado,
cheiro de manjeriço,
levou-me pela cintura
e me deitou no grotão,
acordei desfalecida,
lua nua em sua mão,
deixou-me marcas no ventre,
de revólver e cinturão.”*

Nunca Nertan Macêdo se esquiva ao domínio que a terra exerce em sua imagética e aceitando seus caprichos, imposições, empreendendo outra viagem ao passado, reconstituindo com fôlego poético a vida e o perfil do Padre Cícero. Acarinhado pelo clamor das ladainhas, com sua roupagem de mito e milagre, o patriarca emerge da ambiência rural no relato de muitas vozes. Vozes que habitam o longo poema sensorial e exaltam premonições, profecias ou denunciam flagelos, misérias, injustiças. E a saudade. Que é solução, melancolia.

*“Ai, o gosto das distâncias
na alma dos cearenses!
Que amam ermos e amam trilhas
e vão ao oco do mundo.
O mundo oco e vazio
porque cheio é o coração
dessa gente parecida
com ave de arribação.
Que outro mundo presente
nas penas da solidão.”*

A poesia e o sertão reaparecem constantes na literatura de Nertan Macêdo, caminham lado a lado, em sonolentas, ásperas paisagens. E neblina, orvalho, pungentes gemidos, gritos de amor e mágoa, aprisionam no peito o tempo longínquo, fragrâncias adocicadas. Senhores Acadêmicos,

Agradeço-vos e generosa acolhida, ressaltando o apoio que recebi do Mozart Soriano Aderaldo, Cláudio Martins e Noemi Elisa

Soriano Aderaldo. Agradeço a Gilmar de Carvalho e Artur Eduardo Benevides, que incentivaram a publicação do meu primeiro livro, cúmplices e partícipes do meu destino literário. A meus pais e irmãos, que purificados pela compreensão jamais me negaram a doação do silêncio, fronteira necessária para o encontro com a palavra. A José Bonifácio Câmara. Aos amigos.

João Clímaco Bezerra. Após o derrame afetivo da saudação que tem o sabor dos contos de fadas, ser-me-á difícil usar o agradecimento exato. Não possuo o lampejo, o toque de cimbalos, a Graça. Aprendi porém que uma memória o alumbra — o rio Salgado. Fonte de bem-aventuradas lágrimas, afasta a dor de toda náusea. Não carrego no entanto nenhum siexo, punhado de areia. Outra, é outra a minha realidade. Onde o segredo? Onde a plumagem? Subitamente uma mansa ternura me acalma, alonga-se como um rio. Lavadeiras cantam em suas margens, e unida ao concerto inesperado, improviso:

— *Companheiro, tio querido! Água doce, doce água.*

Muito obrigada.

(*) Proferido a 22 de março de 1990, no ato de posse da cadeira nº 7 da A.C.L.